

ENTRE A REALIDADE E A EXISTÊNCIA

Vinícius BANDEIRA¹

Recebido: 25/06/2019

Aprovado: 26/08/2019

Eu não sabia. Só soube quando ele estava na clandestinidade e me mandou uma carta pedindo que eu não me preocupasse, que ele estava cumprindo o seu dever. Mas como não me preocupar? O meu coração partiu-se em mil pedaços! Eu e meu marido passamos a viver os piores momentos de nossas vidas. Vivíamos a esperar por notícias. Notícias que nunca chegavam. Pensávamos sempre no pior: que ele podia ter sido preso, que podia estar sendo torturado, morto... Ele não nos escreveu mais desde aquela carta. Foi a sua carta de despedida. Não podíamos procurar notícias dele nos órgãos de segurança, pois seria o mesmo que denunciá-lo. Tínhamos que ficar passivamente à espera de notícias dele. Era como se ele estivesse na UTI e nós na sala de espera. Uma espera de quase dois anos.

¹ Formação Acadêmica: Pós-doutorado História Social (USP). Doutorado Sociologia (UFRJ). Mestrado Ciência Política (UNICAMP). Pós-graduação Filosofia Contemporânea (UERJ). Pós-graduação Sociologia Urbana (UERJ). Graduação Ciências Sociais (UFF). Graduação História (UFF). Literatura: Autor dos livros *Ordenação social no Brasil. Liberalismo, cientificismo e “menores abandonados e delinquentes”* (Editora UFRJ); *Mulheres da vida* (Multifoco); *Náufragos da fé* (Laço Editorial); *A genealogia em Foucault. Do poder soberano ao poder panóptico* (NEA Edições). Prêmios: Segundo colocado no Prêmio Lima Barreto, promovido pela Academia Carioca de Letras (2015). Finalista no Prêmio SESC de Literatura, categoria conto (2013). Tese de doutorado selecionada, em nível nacional, para ser publicada pela Editora UFRJ (2010). Professor universitário.

BANDEIRA, Vinícius. Entre a realidade e a existência. In: *Revista Falas Breves*, no.7, setembro de 2019, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, Breves-PA. ISSN 2358 1069

Um dia nos apareceu um casal de jovens.
Nunca eu os tinha visto antes. Disseram que
queriam falar comigo e com meu marido.
Disse-lhes que meu marido não estava em
casa. Eles pediram para esperar, sob alegação
de que era muito importante o que tinham
para nos dizer. "Mas o
que é que vocês têm para dizer? Nós não
conhecemos vocês...", perguntei-lhes
desesperada, devido à angústia que eu estava
vivendo naquela época.

E
e
l
e
s
d
i
s
s
e
r
a
m
o
q
u
ê
?

Eles insistiram que somente falariam na presença de meu marido, que a mensagem era para os dois. Fiquei mais nervosa ainda. Ameacei colocá-los para fora se eles não falassem logo. Não mais resistindo, ela balbuciou entre lágrimas: “O Paulo...” Foi então que eu me desesperei de vez e comecei a chorar: “Meu filho, meu filho... o que aconteceu com meu filho?” Fiquei inerte por um longo período, grande parte da tarde e começo da noite. Eles tentando me consolar e eu chorando. Num dado momento, eles me disseram que o Paulo morrera poucos dias depois de ter-me escrito aquela carta. Ele fora preso por homens das forças especiais e levado para a tortura. Depois de dias e noites de tortura, ele morreu. Morreu sem confessar nada. “Morreu como um herói”, eles repetiam para me consolar. Quando meu marido chegou me encontrou chorando.

Antes que ele perguntasse qualquer coisa, com seu ar de espanto, eu disse entre choro e desespero: “eles mataram o nosso filho!...”